

## CULTURA JUVENIL, DEPENDÊNCIA DIGITAL E CONTINGÊNCIA

### **Henrique Nou Schneider**

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Professor da Universidade Federal de Sergipe-UFS e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS. Docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Coordenador e líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação – GEPIED/UFS/CNPQ  
E-mail: hns@terra.com.br

### **Jacques Fernandes Santos**

Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT. Professor do Instituto Federal de Alagoas – IFAL/Santana do Ipanema. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologias e Contemporaneidade - GPETEC/UNIT/CNPq e do FORPEC- Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e Contemporaneidade UNEB/CNPq  
E-mail: jacquesfs@hotmail.com

### **Vinicius Silva Santos**

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII. Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação – GEPIED/UFS/CNPQ e do FORPEC- Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e Contemporaneidade UNEB/CNPq  
E-mail: vssantos@uneb.br

## **RESUMO**

É consenso por parte majoritária da literatura que se vive hoje um momento sociocultural de grande relevância, onde o advento das tecnologias, a transformação das plataformas midiáticas e a proliferação dos aparelhos de comunicação móveis, dentre outros fatores, fizeram surgir novas maneiras de expressão da categoria social juventude, com destaque nesse trabalho para o fenômeno da conectividade e dependência de jovens às tecnologias digitais. No escopo dessa análise nota-se, com rigor, uma grande preocupação de estudiosos em relação ao uso excessivo de dispositivos tecnológicos que passam a afetar as relações entre os pares juvenis, além de ocasionar quadros patológicos, tais como isolamento social, ansiedade, pânico, alucinação, ostracismo, fuga e inabilidade, danos motores, dores de cabeça, etc. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é discutir, baseando-se numa revisão de literatura, o processo de dependência dos jovens às tecnologias, bem como os principais distúrbios e/ou forma de dependência surgida da relação ininterrupta com os aparelhos digitais, com destaque para o comportamento e utilização das redes sociais, atentando para a necessidade de uma mediação e bom uso das TDIC, tomando como referência o equilíbrio e os cuidados necessários à saúde que permitam a utilização de tais dispositivos, como também propor alternativas de orientação e reflexão sobre os processos desencadeados pelo uso excessivo das tecnologias no cotidiano.

**Palavras-Chave:** Cultura Juvenil; Dependência; Contingência; TDIC.

## **RESUMEN**

Es consenso por parte mayoritaria de la literatura que se vive hoy un momento sociocultural de gran relevancia, donde el advenimiento de las tecnologías, la

transformación de las plataformas mediáticas y la proliferación de los aparatos de comunicación móviles, entre otros factores, hicieron surgir nuevas formas de expresión de la categoría social juventud, con destaque en este trabajo para el fenómeno de la conectividad y dependencia de jóvenes a las tecnologías digitales. En el ámbito de este análisis se observa con rigor una gran preocupación de estudiosos en relación al uso excesivo de dispositivos tecnológicos que pasan a afectar las relaciones entre los pares juveniles, además de ocasionar cuadros patológicos, tales como aislamiento social, ansiedad, pánico, alucinación, ostracismo, fuga e inhabilidad, daños motores, dolores de cabeza, etc. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es discutir, basándose en una revisión de literatura, el proceso de dependencia de los jóvenes a los dispositivos tecnológicos, así como los principales disturbios y / o forma de dependencia surgidas de la relación ininterrumpida con los aparatos digitales, con destaque para el comportamiento y utilización de las redes sociales, atendiendo a la necesidad de una mediación y buen uso de las TDIC, tomando como referencia el equilibrio y los cuidados necesarios para la salud que permitan la utilización de tales herramientas, así como proponer alternativas de orientación y reflexión sobre los procesos desencadenados por el uso excesivo de las tecnologías en el cotidiano.

**Palabras-clave:** Cultura Juvenil; Dependência; Contingencia; TDIC.

## 1 INTRODUÇÃO

Nesse limiar contemporâneo, tem sido cada vez mais comum observar o estreitamento da relação dos jovens com os diferentes aparatos tecnológicos utilizados como possibilidade para realização de diferentes tarefas no cotidiano. Dessa relação se entende existir um imbricamento sociotécnico que demarca a existência de uma cultura juvenil atravessada pela presença das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC com contornos próprios, demarcando não só os processos de comunicação entre os pares juvenis, como também a forma de se relacionar, conviver e produzir.

Aliado a isso, se nota a intimidade com que tais jovens manuseiam os objetos no campo das tecnologias, podendo-se exprimir desse fenômeno, a ideia sob a qual, os jovens contemporâneos estão imersos numa cultura do hibridismo, também chamada por Santaella (1992) de cultura dos ciborgues, onde meninos e meninas mesclados por agenciamentos técnicos são porta-vozes de experiências com a utilização de dispositivos digitais.

Dessa maneira, conforme destaca Castells (2000) a emergência de uma cultura singular entre os jovens nascidos desde a década de 1990 do século XX, tendo, com efeito, da revolução da informação e da comunicação e o surgimento de outras formas de entender as dinâmicas

sociais, mais que nunca demarcadas por elementos da instantaneidade, conectividade e interação. Se observa a instauração de uma modernidade relacionada ao aperfeiçoamento da relação homem-técnica que dão novos sentidos às experiências humanas pautadas nas ideias de desejo, transparência, tragédia, fluidez, elementos da contingência conforme aponta Bruseke (2010).

A primeira década do século XXI serviu como um marco exponencial dos meios de comunicação social, a exemplo da popularização dos aparelhos móveis e o acesso aos vários ambientes de informação, momento esse definido por muitos autores como sendo o surgimento de cultura digital. Paralelo a essa realidade, surgiram formas de expressões juvenis entorno das tecnologias, sendo possível afirmar que, o crescimento das tecnologias teve como parte do seu sucesso a origem de uma etapa de vida social, nesse caso a juventude, que encontrou em seus desdobramentos o principal motivo de produção da vida social. Logo, na atualidade é inegável a ligação existente entre os jovens e os meios de informação e comunicação, bem como a retroalimentação que constantemente consegue dar outros significados à vida humana.

Com efeito, os jovens contemporâneos, também conhecidos como nativos digitais passaram a usar com maior regularidade e frequência os ambientes de interação social, pautados nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação-TDIC. Tal assertiva pode ser compreendida através da utilização de diferentes dispositivos tecnológicos, sobremaneira aqueles ligados às relações sociais que impactam diretamente a maneira de relacionar-se através de tecnologias assíncronas. Vive-se um momento propício para as experiências baseadas em conexões, resultado dos avanços tecnológicos em rede que, permite aos sujeitos sociais manterem-se conectados.

Não obstante, esse mesmo tempo histórico demarcado pela conexão é também momento onde se nota com frequência a necessidade de posturas mais conscientes, principalmente por parte dos jovens, no tocante ao equilíbrio quanto ao uso das TDIC. A principal problemática que se tornou comum às discussões envolve a utilização de dispositivos ligados às culturas digitais como sendo responsáveis pelo afastamento entre os grupos sociais, incluindo-se nessa análise os próprios jovens. Não se pretende nesse trabalho esgotar a questão da utilização das tecnologias de maneira a privilegiar um discurso binário que muitas vezes coloca nos artefatos tecnológicos a causa única dos problemas sociais.

O olhar aqui é muito mais daquele viajante que se dispõe a compreender e observar alguns pontos de reflexão sobre a utilização dessas tecnologias pelos jovens, não deixando de entender sua importância enquanto expressão da cultura juvenil no tempo presente a partir da noção de contingência, entendida aqui, como sendo o domínio da técnica pelo homem como resultado de uma relação nem sempre harmoniosa que abriga liberdade, normatividade, pulsão, rigor e desejo.

Desse modo, não será privilegiado um discurso do bem em detrimento ao mal, tampouco, uma narrativa fatalista que, nesse momento, só ajudaria a enfraquecer o legítimo espaço de trânsitos das performances juvenis. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é refletir sobre o processo de utilização das TDIC pelos jovens, de modo a discutir questões relacionadas as diversas formas de dependência decorridas do uso ininterrupto de aparelhos digitais, com destaque para o comportamento e utilização das redes sociais, atentando para a necessidade de uma mediação e bom uso das TDIC.

## **2 JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: ENTRE A CONECTIVIDADE E A DEPENDÊNCIA DAS TECNOLOGIAS**

É possível afirmar que na atualidade, a juventude se tornou protagonista na utilização dos meios de comunicação relacionados às TDIC, mais especificamente, através da imersão nas redes sociais, bem como no acesso de diferentes dispositivos para os distintos fins, dando origem a novas formas de interpretação daquilo que convencionamos chamar de cultura jovem.

Antes de tudo, é necessário pontuar que a categoria social juventude é resultado da experiência social e varia conforme elementos da cultura segundo cada tempo. Logicamente, umas das senhas do tempo presente para entender os jovens, perpassa pela aproximação destes atores sociais nos espaços de interconexão virtual e partilha de informações que abrangem o ciberespaço.

Nesse caso, diferente das juventudes das décadas de 1950 e 1970, marcadas pela radicalidade, rebeldia e confrontos políticos. Os jovens nascidos pós-surgimento das tecnologias digitais trazem consigo uma expressão performática quanto ao uso das mídias digitais, tomando o espaço virtual como meio de vivência de suas expressões, dando origem a ideia sob a qual a

compreensão do conceito de juventude está atrelada as performances vividas a partir desses espaços de convívio.

Sendo assim, a juventude se faz plural, heterogênea e suas mudanças ocorrem em função dos próprios interesses, sendo considerada uma etapa demarcada pelo protagonismo na formulação de novas linguagens, formas de comunicação, interação e cultura. Nesse limiar, é possível notar que as tecnologias potencializaram formas distintas de convivência e interação humana.

Estamos diante daquilo que Bruseke (2002) chamou de caráter contingente da técnica moderna nos processos de interação social humano, como sendo campo de destaque e relevância para uma análise sociológica dos fenômenos sociais. Aqui, especificamente, observa-se o caráter contingente relacionado ao uso das tecnologias pelos jovens que faz surgir problemáticas ligadas ao convívio, isolamento, liberdade, solidão, exposição, etc.

Nesse cenário, como diz Lévy (1999) surgem oportunidades de interação virtual entre os jovens através de espaços virtuais de interação social, propiciando possibilidades da produção e difusão de conteúdos em espaços coletivos ligados às tecnologias digitais. Nota-se assim, o crescimento de um perfil de jovens estudantes e no mercado de trabalho que não lembra em nada as gerações passadas. São jovens cada vez mais dispostos a criar soluções inteligentes para intervir em processos ou problemáticas sociais. Jovens que desde cedo projetam uma carreira profissional e que utilizam as TDIC como um dos principais vetores de aperfeiçoamento.

Diante disso, a juventude na sociedade se torna uma etapa da vida caracterizada por diversas transformações e pela construção da personalidade ainda não concretizada. Sendo assim, é necessário destacar a existência de elementos que demarcam o tempo presente a experiência juvenil, sem fechar uma compreensão que seja universalista sobre as distintas formas e expressões juvenis com a utilização das tecnologias na atualidade. Nesse mesmo fenômeno, se pode destacar uma infinidade de movimentos juvenis, a exemplo, de jovens produtores de mídias alternativas, jovens escritores, youtubers, designers de jogos digitais, empreendedores em startups digitais, gestores de mídias digitais, etc.

Conforme Mafessoli (1997) a análise sob a qual passamos a viver numa atmosfera social onde as técnicas se sofisticaram, a exemplo dos experimentos eletrônicos, emergindo dessa realidade a condição de controle e vigilância, mas também o espaço nômade de circulação do

sujeito social, suas paixões, desejos, as impermanências do espírito humano e a atração por afinidades. Nesse tocante, a teoria social a partir de Mafessoli consiste numa abertura para viver uma sociologia da experiência do cotidiano que se move em função do contingente, aqui demarcado pelos espaços de partilhas juvenis.

Como mencionado por Carrano (2003) a juventude se mantém como categoria sociológica inventada pelos adultos, entretanto, os seus sentidos se tornam cada vez mais difíceis de totalizar, sendo demarcada por fluxos transitórios e inovações. Dessa maneira, ao destacar o conceito de juventude se faz necessário situar os diferentes estilos de vida, formas de manifestações, e, principalmente, de interação que se diferencia de outras épocas. A interação ocasionada pela utilização da internet e redes sociais por meio de aparelhos moveis deu origem a novos comportamentos humanos.

Para se ter uma ideia, em um levantamento realizado pela Secretaria Nacional da Juventude – SNJ, pertencente à Secretaria Geral da Presidência da República em 2013 constatou 83% dos jovens brasileiros tem acesso à internet via aparelho móvel, sendo esse um dado muito importante para entender o comportamento do jovem brasileiro relacionado as tecnologias.

Por outro lado, à medida que o jovem vem se tornando cada vez mais familiar dos espaços de interação virtual, se observa como resultado uma dependência maior desses aparelhos como possibilidade de organização da vida e das relações sociais. Segundo dados da agência internacional We Are Social, o tempo de imersão na internet do brasileiro é em média cinco horas e vinte e seis minutos na internet via computador ou tablet e mais outras três horas e quarenta e seis minutos conectados pelo celular. Logo, a conta final destaca que os brasileiros passam entorno de nove horas e treze minutos online. Esses dados não sofrem grandes alterações quando se trata de jovens utilizando a internet.

Notadamente, essa realidade tem relação direta com o nosso cotidiano de afazeres que dependem cada vez mais de busca por informações que estão disponíveis em espaços virtuais ou mesmo pela necessidade de manter relações, sejam elas de trabalho ou pessoais através de redes e aplicativos de comunicação. Basta analisarmos as esferas sociais das relações humanas para percebermos que passamos a depender cada vez mais de repostas e soluções que nos colocam frente a tais dispositivos, quer seja para procurar uma simples informação, trabalhar, estudar, marcar um exame, fazer exercícios, assistir um filme e muito mais. A verdade é que nos tornamos mais dependentes das tecnologias. Até aí não existe

necessariamente um problema, uma vez que se trata- das soluções para problemas ordinários que facilitam o dia-a-dia do homem contemporâneo.

Não obstante, esse mesmo excesso de informações, muitas vezes sem a devida comprovação de fonte ou veracidade tem demonstrado cada vez mais a necessidade de apuramos a pesquisa. Nesse mesmo ponto, vemos surgir comportamentos contrários à diversidade de opiniões e ideias que preocupam vários setores da sociedade. Parte dessa provação consiste em entender como em muitos casos o ciberespaço tem sido vivido por jovens como um terreno sem regras, onde tudo é possível. Mais que nunca, cabe lembrar que a virtualidade não nega a realidade, mas opera como potência para comportamento humano. É importante ressaltar também que temos hoje um arcabouço jurídico que abrange os espaços virtuais de relações humanas com a finalidade de orientar e punir comportamentos não aceitáveis, quer seja no âmbito presencial ou online.

Sendo assim, se por um lado utilizamos todo o potencial das tecnologias digitais para emancipação e produção humana na atualidade, por outro lado, nos tornamos cada vez mais dependentes dessas engenharias para manter as condições de existência das relações, o que nos leva a refletir sobre alguns problemas de ordem social, psicológica e até física que necessitam ser levantados como forma de atentar para o modo como vem sendo utilizadas as TDIC por jovens no tempo presente.

### **3 USO EXCESSIVO DAS TDIC: UMA CONTINGÊNCIA DA CONTEMPORANEIDADE?**

A discussão é atual e merece lugar de destaque entre os pares acadêmicos, jovens, pais e instituições sociais. Chega a ser quase uma discussão antológica propor uma reflexão que coloca as TDIC atreladas a um determinado tipo de mal-estar na contemporaneidade. Muito além de uma discussão aligeirada que por vezes levaria a uma argumentação fatalista, onde a causa e afeito estariam presentes e certamente a prescrição de um remédio que levasse a cura de um determinado mal, pretende-se aqui discutir entorno de narrativas do tempo presente que ajude a entender e ponderando caminhos que ajudam o esclarecimento do tema.

Segundo Trivinho (1999) com a crescente e exponencial presença das tecnologias na vida social, se nota uma mudança decisiva na produção cultural do homem, fazendo surgir comportamentos até então não pensados. Um desses comportamentos hoje se apresenta como

a quebra das barreiras entre o privado e público que, principalmente com advento das redes sociais e não só por elas, tomou outra dimensão.

Como descreve Sibilia (2008) ao abordar os terrenos da intimidade como sendo vivida espetacularmente hoje. Se entende como espetacularizar o fenômeno que compreende a exposição cênica dos homens através de redes, grupos sociais e veículos midiáticos, onde a cultura da observação do “outro” toma cada vez mais espaço na cena social, ainda que em muitos casos ela não tenha relação com a verdadeira forma de existência.

Segundo a autora,

Nessa cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos perdidos de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de ser visto. (SIBILIA, 2008, p.111).

Conforme destaca a autora, tomando os jovens como referência para essa análise, vemos a proliferação de mecanismos de exposição que consagram o culto ao corpo, a imagem, a exposição desenfreada e busca por amigos, verdadeiros “olhos observadores” que possam confirmar ou mesmo aprovar tudo aquilo que apresenta como parte do eu virtualizado.

Por outro lado, essa mesma busca consiste num refinamento social que pode abrigar um certo isolamento social. Esse afastamento dos laços sociais podem ocorrer em duas formas, a primeira delas diz respeito aos relacionamentos físicos, quando os sujeitos passam a viver demasiadamente apenas as experiências sociais virtualizadas, deixando de lado o contato com pessoas próximas, familiares, etc.

A segunda forma de isolamento social compreende a capacidade do indivíduo, segundo suas convicções e afinidades se fechar para qualquer pensamento que não seja o seu e/ou do grupo social que faz parte, resultado disso, pode-se destacar as várias formas de intolerância que se vive hoje, a exemplo, da intolerância por raça, crença religiosa, orientação sexual, gênero, todas essas manifestações estão presentes nos espaços virtuais onde os jovens são protagonistas.

Nessa mesma direção Keen (2012) expõe argumentos que colocam no centro do debate a utilização excessiva das tecnológicas, com ênfase nas redes sociais que nos levam a vertigem. Para ele, além da quebra da privacidade como regra obrigatória hoje, é possível notar com



prevalência o crescimento do individualismo, mesmo nas comunidades online. O autor destaca que a ação de participar de maneira espontânea nas redes sociais com o intuito de realização, cujo fim último é o cultivo da autoestima coloca os jovens e todos numa condição de vigiados. Ainda segundo ele, as redes transparentes podem nos conduzir a laços fracos e menos liberdade entre os atores sociais.

Obviamente, muitas questões apontadas pelo autor decorrem do seu posicionamento crítico sobre o uso das TDIC e da relação de causalidade para o comportamento humano. Dentre as questões apontadas no livro se pode destacar como marco do tempo presente a fragilidade dos laços sociais, caso estes dependam unicamente de investimentos virtuais. Nesse mesmo sentido, a experiência do compartilhamento abriga em alguma medida o medo de estar sozinho, da necessidade ser parte de um projeto coletivo, de ser aceito por seus pares sob julgo de não participação do projeto de vida da humanidade.

Conforme nos apresenta Bruseke (2010) ao destacar que o sujeito social é resultado de uma comparação universal de hábitos, valores e atitudes pulverizados através da sofisticação de técnicas que expõem as fragilidades do tempo presente, cada vez mais fluido e aberto aos múltiplos sentidos vividos na modernidade líquida, que abriga muitas possibilidades (potências), como também riscos ainda incalculáveis.

Muito embora não seja o objetivo desse trabalho adentrar pelas questões estruturais que corroboram para esse quadro é pertinente destacar que no contexto de todas essas mudanças, encontra-se grande empresas de comunicação e tecnologia que através de seus produtos conseguiram imprimir novos comportamentos, especialmente entre os jovens. A metáfora da vertigem utilizada pelo autor revela em determinado ponto a condição de usuário que passou a depender de tais tecnologias e muitas vezes não consegue refletir sobre o seu uso em decorrência do desejo de participar, de criar e relacionar-se nesses ambientes.

Todo esse panorama coloca em atenção o cuidado necessário do usuário com o gerenciamento de sua imagem, saúde e bem-estar. Entre os jovens, os sintomas mais comuns relacionados a utilização das redes sociais segundo especialista é a ansiedade. Nesse comportamento, o retorno do outro como reposta a uma determinada ação das redes sociais pode gerar uma ansiedade que muitas vezes passa pela aceitação, felicidade e aprovação. Uma das questões que mais aflige os jovens consistem na possibilidade de ficar desconectado por muito tempo.

Isso ocorreu mais recentemente com o aplicativo social WhatsApp, quando deixado fora do ar por determinação judicial, gerou entre os usuários brasileiros uma grande repercussão.

Muito pais tem procurado ajuda de profissionais da saúde para dialogar sobre o mal uso das tecnologias pelos jovens. Vemos cotidianamente relatos onde jovens estão associados a patologias, tais como pânico, alucinação, ostracismo, fuga e inabilidade, danos motores, dores de cabeça, etc. Com base nessa realidade muitos países pretendem revisar a da legislação educacional, a exemplo a França, que mais recentemente, estuda proibir a entrada de celulares nas escolas com o argumento que as crianças e jovens não estão conseguindo manter-se concentrados nas aulas.

Cabe destacar que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC dependem exclusivamente do modo como são usados no cotidiano. Embora seja uma receita antiga, estamos cada vez mais convidados a pensar no equilíbrio entre a vida social e as experiências virtuais ligadas às tecnologias como caminho mais interessante aos jovens.

#### **4 APONTAMENTOS PARA O BOM USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PELOS JOVENS**

As provocações que antecederam o texto, tomou como ponto de partida o processo de vulnerabilidade alcançado pelo homem a partir de sua relação com a utilização das TDIC, mais precisamente os jovens contemporâneos. A intervenção humana na dimensão técnica como assegura Jonas (2006) aponta para uma modificação dos objetos que compõem o cotidiano das experiências levando a cabo o projeto de saturação do próprio homem em função do comportamento cumulativo e do processo de irreversibilidade das dimensões sociais, físicas e psicológicas.

Nesse ínterim, como forma de intervenção é possível destacar quais seriam os deveres necessários à toda sociedade diante dos processos de adoecimento relacionados ao uso indevidos dos aparatos tecnológicos, mais que isso, que possibilidades éticas seriam necessárias para repensar essa relação tão complexa e, ao mesmo tempo, necessária? Diante de tantos problemas o designo de uma prudência seria capaz de remodelar a forma como são utilizadas tais tecnologias?

Esses questionamentos se tornam cada vez urgentes e necessários enquanto a experiência de utilização das tecnologias, em muitos casos, não tem permitido ao homem fazer uma reflexão sobre tais dimensões. O tempo presente, demarcado pela presença da contingência cada vez mais fluida reposiciona a lógica da produção social no tocante a relação homem-objeto. Em muitos casos, parece não ser mais possível distinguir de maneira clara quem seria o objeto e o homem, tamanha a quantidade de agenciamentos que fazem de ambos um só elemento.

Nesse sentido, o primeiro apontamento necessário a reorientação do olhar quanto à utilização das TDIC conclama a vivência de uma prudência enquanto ato moralmente construído e coletivamente partilhado por todos nos diversos espaços de interação, especialmente nos ambientes onde transitamos com a produção do outro, a exemplo das redes sociais. Independente de regras ou da possibilidade de rastreabilidade, ou não da informação, a ação humana é o elemento que antecede qualquer resultado. Logo, ser prudente é entender-se como responsável dentro de uma multiplicidade de pessoas que constroem narrativas textuais e imagéticas sobre os mais variados assuntos.

Para Jonas (2006) a prudência conduz a ação do homem para um prolongamento da vida. De outro modo, uma ação contrária à prudência levaria o homem a morte. Não se pretende anunciar aqui a dimensão da morte como sendo uma fatalidade do comportamento humano, tampouco a extinção da espécie em função do desequilibrado uso das tecnologias. Todavia, parece-nos prudente refletirmos sobre as ações destrutivas desempenhadas corriqueiramente por crianças, jovens e adultos que de certa maneira ajuda a alimentar um sistema de reprodução de comportamentos, padrões de ser e agir, que apontam para uma saturação.

Sendo assim, o segundo apontamento que se apresenta como imperativo necessário ao bom uso das TDIC é a responsabilidade. Segundo Jonas (2006) o poder fundante dos atos humanos desdobra-se pela responsabilidade. Para além do arcabouço jurídico e da judicialização dos comportamentos nos espaços virtuais como expressão mais recente do desequilíbrio das ações humanas e justificativa para uma responsabilidade legal, é necessário pensar no ator social enquanto responsável e portador de uma ética. Ao passo que se transita com uma diversidade de sujeitos, expressões e modos de ser heterogêneos, cresce também a responsabilidade moral que tangencia o compartilhamento, a liberdade de expressão e comunicação nos espaços de coletividade que traduz numa vigilância a qualquer intolerância, preconceito ou discriminação.

O sentimento que caracteriza a responsabilidade não importa se pressentimento ou reação posterior é de fato moral (disposição de assumir seus atos), mas em sua formalidade pura não é capaz de fornecer o princípio efetivo para a teoria ética, que em primeira e última instância tem a ver com a apresentação, reconhecimento e motivação de finalidade positivas para o bonum humanum (JONAS, 2006, p. 166).

Nesse sentido, o terceiro apontamento necessário ao bom uso das TDIC baseado numa ética da responsabilidade mescla a esperança e o medo, retroalimentando a ação dos atores sociais e fundam um valor moral necessário às relações sociais.

Em outras palavras, a esperança humana e sua relação com a sofisticação e refinamento das técnicas não pode desconsiderar o medo como sendo um limite prudencial. O medo aqui abordado é expresso nas palavras de Jonas (2006) quando destaca sua importância como sendo parte da responsabilidade, não necessariamente o medo como sinônimo do não agir ou covardia, mas sim, como um convite a agir de maneira prudente, uma vez que a responsabilidade e o cuidado são reconhecidos como obrigação em relação ao outro ser e precisa acompanhar a esperança sempre porvir para evitar um mal.

Por último, cumpre destacar o princípio da ética destacada por Jonas (2006) como sendo a principal formulação necessária à civilização tecnológica. Por sua explicação a preservação da condição humana percorre pela proteção do patrimônio para assumir uma responsabilidade coletiva com o futuro do homem. Logo, o principal patrimônio são as relações, a reciprocidade, o respeito mútuo e o convívio entre os pares, tanto nas interações presenciais, como nas experiências virtuais. Essa formulação pode resguardar a integridade meio aos perigos do tempo e da ação do homem como salienta o autor.

Sendo assim, uma postura ética no tocante a utilização das tecnologias é um caminho para evitar o desenvolvimento de patologias associadas ao uso. A vivência de uma ética consiste numa consciência e postura que reclama uma responsabilidade e vigilância dos pais, familiares, professores e dos próprios jovens no tocante aos hábitos já naturalizados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensar a produção cultural dos jovens contemporâneos tomando como centralidade a utilização das tecnologias requer entender a complexidade de fatores que agem como reguladores dos processos de interação nesses espaços de imersão. É preciso ponderar os

diferentes comportamentos que apontam para uma saturação das relações virtualizadas que fazem desencadear distúrbios, tais como dependência, ansiedade, isolamento social, pânico, alucinação, inabilidade, dentre outros. Esses fenômenos servem como prova cabal da necessidade de reorientação da relação homem-máquina, uma espécie de reeducação “mediada” que se faz urgente no tempo presente.

Sendo assim, tais apontamentos podem ser traduzidos em ações práticas que já não parece utópica, tampouco difíceis de realizar, quais sejam: a experiência equilibrada de um plano de relações reais e virtuais; o cuidado com o gerenciamento da imagem nos espaços de interação social; a possibilidade de valorarmos a privacidade em função da segurança; atenção com a exposição de dados pessoais ao utilizar aplicativos; a vigilância quanto à participação direta ou indireta em comunidades, ou grupos virtuais que divulgam conteúdos potencialmente negativos; a vivência de atividades físicas e sociais que permitam o diálogo presencial e o trabalho com as expressões corporais; a criação do hábito de manter-se desconectado por períodos previamente estabelecidos; a utilização saudável e potencial das TDIC; necessidade de ponderar os riscos e fraquezas individuais em consequência da convivência nos ambientes de interação virtual.

Por fim, mais que apontar caminhos e ações para uma possível mudança de comportamento, nos parece salutar tencionar provocações a partir de uma análise crítica que possibilite aos jovens uma atitude reflexiva sobre a utilização das TDIC, pois, talvez seja essa a opção mais radical, uma ação onde a questão nodal sobre a contingência juvenil através das tecnologias permita pensar/construir uma ética para o futuro, mais que nunca partilhada, coletiva e a serviço do bem-estar e da condição humana responsável.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Secretaria Nacional de Juventude**. Texto-base da 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: SNJ, dezembro de 2012.
- BRÜSEKE, Franz Josef. **A modernidade técnica**: contingência, irracionalidade e possibilidade. Florianópolis, Ed. Insular, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis, Ed. UFSC, 2001.
- CARRANO, Paulo. César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set./dez. 2003, p. 16-39.
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando? Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas, Rio de Janeiro, Record, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 1992.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TRIVINHO, Eugênio. “**Cyberspace: crítica da nova comunicação**”. Tese de doutorado, ECA/Universidade de São Paulo, 1999.